

# É assim que funciona

## Cenatexto

**E**duardo acaba de ser contratado como soldador numa grande fábrica de transformadores. Primeiro dia no novo emprego, ele é encaminhado para a sala de treinamento, onde é recebido por seu instrutor. Este, após lhe passar algumas informações gerais sobre a empresa, entrega-lhe o manual do funcionário. Terminada a sessão inicial, Eduardo é conduzido à área de solda e fica conhecendo seu supervisor, Antônio, que o recebe efusivamente.

- Bem-vindo, colega. Como é, pronto pra luta? Estamos aí pra ajudar. Não se acanhe, precisando é só pedir, - diz Antônio segurando-o pelo braço e já o conduzindo até o vestiário. - Aqui estão seus equipamentos de proteção: capacete, luvas, avental de couro, botinas e óculos de proteção.

- Poxa! - exclamou Eduardo, entre surpreso e incrédulo. - Será que vou precisar usar tudo isso? Não vai dar nem pra me mexer! Se a minha mulher me visse enfiado nessa roupa, ia pensar que eu era um marciano.

- Melhor um marciano vivo do que um soldador acidentado, - replicou rindo Antônio. - E não é só. - acrescentou - Você não vai querer furar o nosso recorde de trabalho sem acidentes este ano, não é mesmo?

- Mas que conversa é essa, seu Antônio? Conheço meu ofício há muitos anos, desde que meu pai montou aquela oficina de solda nos fundos lá de casa eu nunca tive um arranhãozinho. E era solda grossa. O dia todo debaixo daquela chuva de faíscas, que mais parecia festa de São João. Óculos de proteção a gente usava, mas o resto é frescura.



– Proteção não é frescura, compadre, – atalhou Antônio com calma. – Do contrário as fábricas não iam gastar tanto tempo e dinheiro na prevenção de acidentes. Os manuais existem justamente para sua proteção.

– Bem, é claro que não, – balbuciou Eduardo, levando o capacete à cabeça.

– E tem mais. Mesmo com toda essa proteção, nem sempre é possível prever todos os tipos de acidente. Certa vez um funcionário vinha trazendo um transformador pesado num carrinho manual, quando ele chegou numa lombada as rodas da frente emperraram. Ele, que estava empurrando o carrinho, passou então a puxá-lo. Não deu outra: foi só puxar e... pimba! O transformador despencou em cima do pé do coitado. Esmigalhou tudo. Não tinha nem como maldizer a empresa.

– Mas aí é burrice. Comigo isso não aconteceria, – gabou-se Eduardo.

– Burrice? Não sei, – respondeu Antônio, sacudindo a cabeça como se tentasse afastar algum pensamento sombrio. – Quando a segurança é deixada de lado, o santo trabalha dobrado.

– Meu santo é forte, seu Antônio. Não vai deixar que nada me aconteça. Para que dar tanta importância aos manuais? O que vale é a experiência. E isso eu tenho de sobra.

– Não tenha tanta certeza, meu chapa. Mais vale prevenir do que remediar. Além disso, o uso de equipamentos de proteção por operadores de solda é obrigatório. Está tudo ali no manual, e os manuais existem para passar instruções de serviço e procedimentos de segurança. Até parece que estou tentando proteger você de você mesmo.

– Não é isso não, seu Antônio. É que nunca precisei dessa baboseira toda. Com essa roupa de couro vou me sentir como uma mula encilhada. Não consigo nem me agachar.

– Você termina se acostumando, Eduardo. Tenha certeza de uma coisa, meu amigo, quando você perceber que a sua proteção aqui vale mais que o seu conforto, será a mula encilhada mais garbosa da fábrica, – disse Antônio rindo e o levando para tomar um cafezinho antes de pegar no batente.

Você deve ter reparado que o diálogo entre Antônio e Eduardo está cheio de expressões coloquiais, que não seriam usadas em certas situações da língua escrita, como por exemplo, numa carta comercial ou em manuais de instruções.

## Dicionário

1. Substitua as expressões destacadas por outras que tenham o mesmo sentido, mas que sejam mais formais. Se for necessário, consulte o dicionário. Siga o exemplo:

Óculos de proteção **a gente usava**, mas o resto é **frescura**.

Óculos de proteção **costumávamos usar**, mas o resto é **supérfluo**.

- a) **Não deu outra: foi só puxar e... pimba!** O transformador despencou em cima do pé do coitado.

.....

- b) Mas isso é **burrice**.

.....

- c) **Meu santo é forte**, seu Antônio.

.....

- d) **Não tenha tanta certeza, meu chapa!**

.....

- e) **É que nunca precisei dessa baboseira toda**.

.....

Na Cenatexto, vimos que Antônio disse a Eduardo:

*Você não vai querer furar o nosso recorde de trabalho sem acidentes este ano, não é mesmo?*

Observe como aparece o verbete *furar* no dicionário:

**furar.** [do lat. *forare*] **1.** Abrir ou fazer furo em; perfurar, esburacar. **2.** Penetrar em; introduzir-se por, romper. **3.** Perturbar, embaraçar, atrapalhar, dificultar. **4.** Fazer com que se malogre; frustrar. **5.** Irromper, sair.

2. Escreva nos parênteses o número do verbete correspondente ao sentido do verbo *furar* em cada frase. Após o modelo, continue:

Modelo: *Gostava de andar à toa, furando matagais.* ( 2 )

- a) *A chapa de aço foi furada pela solda.* ( )  
 b) *De tão magro, os ossos furavam-lhe as roupas.* ( )  
 c) *Fez tudo para furar o acordo do Sindicato.* ( )  
 d) *Você não vai querer furar nosso recorde de trabalho sem acidentes.* ( )

Nesta Cenatexto, Antônio diz a Eduardo que é *impossível prever* todos os tipos de acidente. Se você observar as duas palavras em destaque, verá que elas são formadas a partir de outras, isto é, são *derivadas* de outras:

- *impossível*: **im** + *possível*
- *prever*: **pre** + *ver*

Como você já viu na Aula 53, quando estudou os dois processos de formação de palavras, um dos elementos que *muda o significado de um radical* chama-se *prefixo*. No radical está contido o significado básico da palavra. Os *prefixos* aparecem sempre *antes* do radical. Observe:

*Ver*:        **prever**            (ver antes, antecipar)  
               **rever**                (ver de novo)  
               **entrever**            (ver confusamente, intuir)

*Possível*: **impossível**    (o que não é possível)

Veja o significado de alguns prefixos de uso comum em nossa língua. O hífen colocado depois de prefixo indica que ele sempre vai aparecer junto com um radical, nunca sozinho como uma palavra independente. Lembre-se: que os prefixos não formam palavras isoladas. É por isso que eles são *prefixos*, quer dizer, vêm sempre grudados na frente de outra palavra.

- **ab-, abs-:** afastamento, separação
- **ante-:** que vem antes no tempo ou no espaço, anterioridade
- **com-, con-, co-:** companhia, sociedade, concomitância
- **contra-:** oposição
- **de-, des-:** movimento para baixo, separação, negação
- **es-, e-, ex-:** movimento para fora
- **per-:** através de, coisa ou ação completa
- **pre-:** anterioridade, superioridade
- **re-:** movimento para trás, repetição

3. Usando esses prefixos ou outros que você conheça, forme palavras a partir das que aparecem na Cenatexto, de acordo com o significado indicado:

- |                   |                              |
|-------------------|------------------------------|
| a) braço .....    | que vem antes do braço       |
| b) conduzir ..... | conduzir de novo             |
| c) furar .....    | furar atravessando toda área |
| d) conhecer ..... | ignorar                      |
| e) usar .....     | não utilizar                 |
| f) proteção ..... | falta de proteção, abandono  |

4. Na Cenatexto as personagens usam outras palavras formadas por prefixos. Indique o significado desses prefixos que aparecem destacados nas frases a seguir:

a) *Poxa!* – exclamou Eduardo entre surpreso e **incrédulo**.

.....

b) Não tinha nem como **mal dizer** a empresa.

.....

c) O transformador **despencou** em cima do pé do coitado.

.....

Na Cenatexto aparecem muitos verbos que introduzem ou acompanham as falas das personagens. Repare que esses verbos têm o mesmo significado básico de **falar** ou **dizer**: exclamar, replicar, acrescentar. Só que cada um nos faz saber de que maneira particular ou com que atitude as pessoas disseram o que disseram. Esses verbos são como comentários diante das falas. As frases do diálogo são jogadas dentro de um contexto emocional, de uma atmosfera que nos ajuda a interpretá-las. Veja o efeito da variação desses verbos nas seguintes frases:

*Não sei!* – exclamou ele.

*Não sei!* – explodiu ele.

*Não sei!* – gritou ele.

5. Complete as frases retiradas da Cenatexto com verbos que traduzam o sentido indicado entre parênteses. Se tiver dificuldade, consulte o dicionário ou volte à Cenatexto. Veja um exemplo:

*Poxa!* – **exclamou** Eduardo entre surpreso e incrédulo. (falar com admiração)

- a) *Melhor um marciano vivo que um soldador acidentado,* ..... Antônio rindo. (falar em resposta aos argumentos de outro).
- b) *E não é só.* – ..... Você não vai querer furar o nosso recorde de trabalho sem acidentes este ano. (falar algo em acréscimo ao que já se tinha dito)
- c) *Proteção não é frescura, compadre,* – ..... Antônio. (falar interrompendo a fala do outro)
- d) *Bem, é claro que não.* – ..... Eduardo, levando o capacete à cabeça. (falar de modo confuso, gaguejando)



## Entendimento

- Eduardo mostrava-se pouco disposto a usar os equipamentos de segurança, enquanto Antônio procurava convencê-lo da importância desse uso. Identifique no texto e expresse com suas próprias palavras:
  - os argumentos de Eduardo para justificar sua posição;
  - os contra-argumentos de Antônio para rebater Eduardo.
- Os ditos populares ou provérbios traduzem o que as pessoas consideram verdadeiro, de acordo com o senso comum. Eles têm a força mágica de evocar o saber e a experiência de um grupo social. Em sua argumentação, Antônio cita um ditado popular com algumas modificações. Que ditado é esse e o que ele queria dizer naquela situação?
- Até parece que estou tentando proteger você de você mesmo.* Por que Antônio fez essa afirmativa?
- Observe como as comparações usadas por Eduardo e Antônio ajudam a resumir e a concretizar suas idéias:
 

*Se minha mulher me visse enfiado nessa roupa, ia pensar que eu era um marciano. // O dia todo debaixo daquela chuva de faíscas, que mais parecia festa de São João. // Com essa roupa de couro vou me sentir como uma mula encilhada.*

Explique por que Eduardo se comparou a uma mula encilhada.



## Reflexão

- *Ai, meu Deus! Escrever é muito difícil... Por que não escrevemos como falamos? Pra que complicar tanto?*

Você deve estar lembrado que esse foi o grande problema colocado na Aula 51, quando se discutiu a necessidade ou não de seguir as regras da gramática.

Quando falamos, compartilhamos com nosso ouvinte uma situação em comum. Estamos juntos no tempo e no espaço, participando de um contexto carregado de informações e sentidos. Assim, somos influenciados pelas reações do nosso ouvinte e também o influenciamos. Quem nos ouve pode a todo momento exigir novas explicações, demonstrar se nos entende ou não. Essa comunicação se dá tanto por meio das palavras e frases, como de gestos, mímica etc.

Ao escrevermos, no entanto, tudo isso muda. Ficam apenas as palavras. Dialogamos com um receptor ausente, que está longe de nós no tempo e no espaço. Não vemos seu rosto, não ouvimos sua voz, não sabemos se nos aprova ou desaprova. Nessa situação, temos diante de nós apenas a folha em branco e a tarefa de fazer com que o leitor nos entenda.

Fala e escrita são diferentes: cada uma tem recursos próprios. É verdade que, em certas circunstâncias, buscamos aproximar a escrita da fala, mas nunca poderemos eliminar todas as diferenças. Por isso, é tão inadequado escrever como se fala quanto falar como se escreve.

Mas por que escrevemos?

Você já deve ter ouvido que as palavras faladas são levadas pelo vento e que as palavras escritas permanecem. Pois bem, escrevemos para fixar as idéias, ordenar o mundo, alcançar pessoas que estão distantes no tempo e no espaço, enfim, escrevemos para guardar o conhecimento que adquirimos ao longo de nossa experiência. Afinal, não é para isso que registramos as leis, gravamos as verdades da ciência e expressamos a nossa humanidade na literatura?

Veja o caso desta Cenatexto em que discutimos a importância dos manuais de instrução. Esses manuais não são mais do que as experiências alheias registradas por escrito, mas devem ter uma qualidade básica quanto à linguagem: *os manuais devem ser claros, precisos e ter uma linguagem simples.*

Discuta com seus colegas sobre os diversos manuais de instrução que você conhece. Analise, por exemplo, as bulas de remédio, as instruções de instalação e uso de aparelhos ou qualquer outro tipo de manual e responda:

Os manuais de instrução, as bulas de remédio e as instruções para instalação e uso de aparelhos são compreensíveis?



## Poética II

## Arte e vida

Com as lágrimas do tempo  
E a cal do meu dia  
Eu fiz o cimento  
Da minha poesia.



E na perspectiva  
Da vida futura  
Ergui em carne viva  
Sua arquitetura.



Não sei bem se é casa  
Se é torre ou se é templo:  
(Um templo sem Deus.)



Mas é grande e clara  
Pertence ao seu tempo  
- Entrai, irmãos meus.



Fonte: Vinícius de Moraes. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1968. Pág.585.

Nesse poema, Vinícius de Moraes fala de sua poesia como uma construção pessoal, feita da “*carne viva*” do seu dia-a-dia. Essa casa, essa torre, esse templo não é outra coisa senão ele mesmo. Ao mesmo tempo que fala de sua personalidade, o poeta expressa seu desejo de permanência e comunhão com os outros. Abre a todos nós, seus “*irmãos*” no tempo, sua “*casa grande e clara*”.

A literatura, dentre todas as formas de expressão escrita, é a que traz a marca mais forte da identidade de quem escreve. Poemas, contos, novelas e romances são formas especiais de mostrar o mundo, de expressar e recriar a vida. Assim, cada artista tem seu *estilo individual*.

O artista compartilha com seus contemporâneos uma visão de mundo. É um homem de seu tempo: por mais que fale de si mesmo, fala também de sua época. Cada época concebe a literatura e usa a língua a seu modo: é o que chamamos *estilo de época*. Vinícius, que é um poeta modernista, faz versos com a simplicidade de quem fala. Sua poesia nasce do cotidiano. Essa busca do poético no cotidiano está presente em outros poetas de seu tempo. É um traço do que chamamos *estilo de época modernista*.

Fica aqui uma questão para você refletir: se a literatura reflete o espírito de uma época, por que podemos ler ainda hoje com emoção e prazer os escritores de todos os tempos?